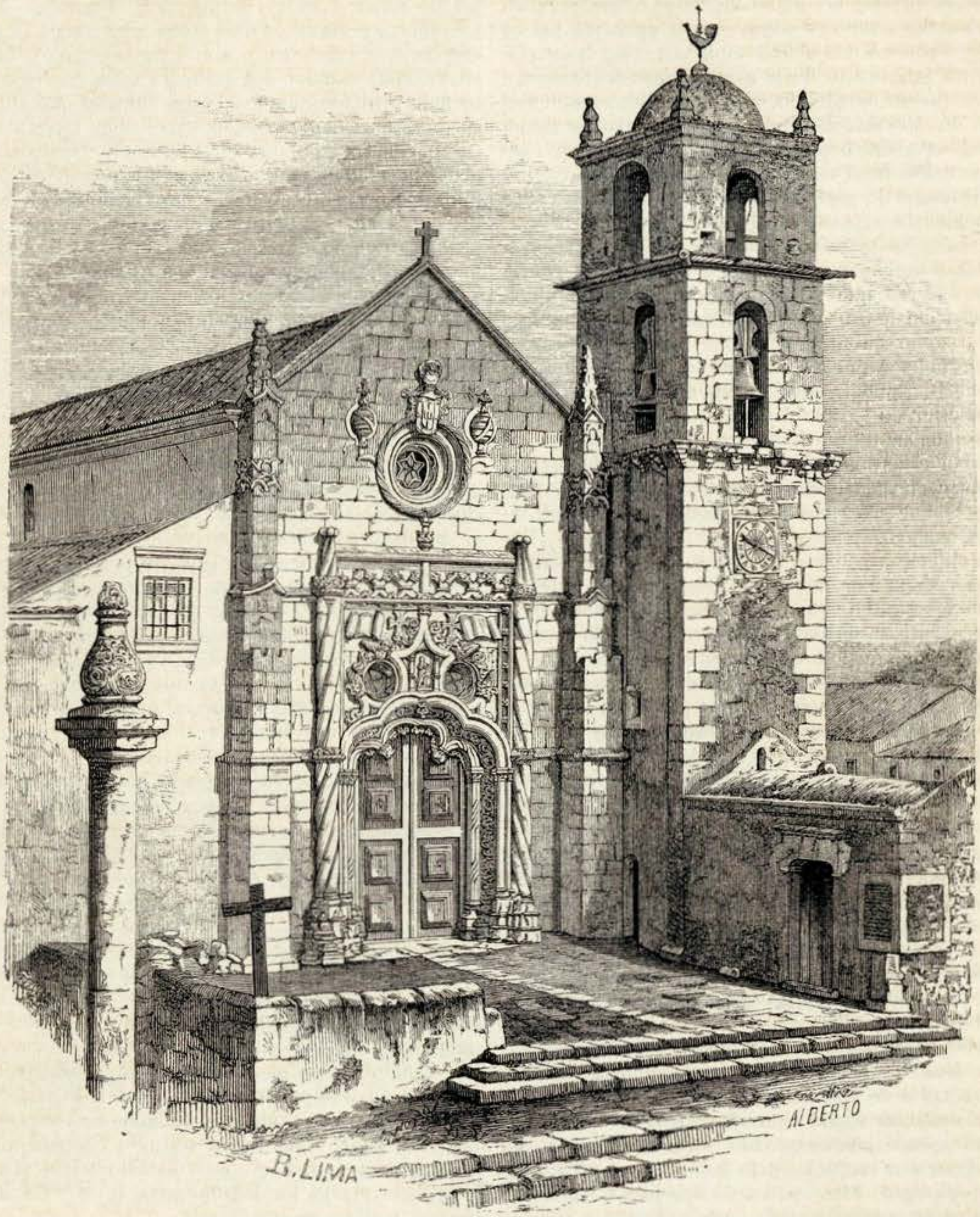


Egreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz da villa da Gollegã

VILLA DA GOLLEGÃ

(Conclusão. Vid. pag. 137)

II

Está situada a villa da Gollegã em sitio plano, 5 kilometros ao sudoeste da villa de Torres Novas, e 20 ao nordeste de Santarem, a cujo districto administrativo pertenceu, até que pela extincção d'este, recentemente decretada, ficou encorporada no de Lisboa. É cabeça de concelho: faz parte da comarca judicial de Torres Novas, e está sujeita ao patriarchado de Lisboa.

Outr'ora, quando quasi todas as villas que constituiam a comarca de Santarem pertenciam a donatarios particulares, a villa da Gollegã foi sempre da corôa.

Do mappa da população do reino em 1735, offerecido pelo marquez de Alegrete a D. Luiz de Lima, clerigo regular da ordem da Divina Providencia, e por este publicado no tomo II da sua *Geographia historica*, vê-se que n'esse tempo contava a Gollegã 590 fogos e 1:320 pessoas de communhão; de sorte que a sua população geral não chegaria, certamente, a 2:000 almas. Ao presente encerra 1:011 fogos e perto de 4:000 moradores. Por conseguinte, uma terra que em pouco mais de um seculo quasi que dobra o numero dos seus habitantes e dos seus fogos, dá incontestavel testimunho de desenvolvimento e prosperidade.

Todos estes moradores estão comprehendidos em uma unica parochia, cujo orago é *Nossa Senhora da Conceição*. O seu templo está representado com a maior exactidão em a gravura que acompanha este artigo;

pois que é cópia de uma excellente photographia. Poucas villas do reino tem por matriz uma egreja tão grandiosa.

Não era preciso pôr aqui o nome do fundador, para que os nossos leitores soubessem a quem devem os gollegaenses um tão bello templo. Lá estão bem relevados no frontispicio d'elle as espheras armillares e a cruz da ordem de Christo, mui conhecidos emblemas del-rei D. Manuel. E ainda que não estivesse assim firmado na pedra o nome do soberano fundador, bastava para denunciar essa fabrica como obra sua o estilo architectonico do portal da egreja. Aquelles desenhos de imaginação caprichosa e poetica; aquellas brincadas e variadissimas esculpturas de arabescos, rendas, silvados e mil outras invenções, manifestam, com a mesma clareza que uma inscripção commemorativa, a epocha em que o cinzel as creou. Não sabemos ao certo o anno da fundação, mas ha algumas razões para se suppor que foi em um dos ultimos do reinado de D. Manuel, que falleceu em 1521.

O interior do templo é muito espaçoso e com bem proporcionada altura. É de tres naves, servindo de divisão a estas amplas arcadas ogivaes, esbeltas por seu porte elevado e bem lançado, porém mui singelas, pois que não tem lavor algum, apenas são faceados os arcos e os pilares que os sustentam. Mas d'esta singeleza soube o architecto tirar muito realce para a capella-mór, cujo arco adornou com todas as galas d'esse estilo gothico florido, que denominámos com bastante propriedade *manuelino*. Todo aquelle arco está coberto de lavores exquisitos e delicados.

Não possue esta egreja vasos sagrados, paramentos ou quaesquer outras alfaias que, por interesse historico ou merecimento artistico, mereçam mencionar-se. Apenas contém um painel, que é attribuido a Grão-Vasco, mas que se acha muito deteriorado, e por esta razão em difficeis circumstancias para se poder ajuizar tanto do nome do auctor como do merito da obra. A imagem de Nossa Senhora da Conceição, de vulto, que se venera no altar-mór, está feita com perfeição.

O templo está mui bem conservado, quer no exterior, quer no interior. Para este fim fizeram-se modernamente obras importantes de reparação. Os trabalhos foram dirigidos com o necessario acerto e sensatez, de modo que não alteraram as feições primitivas do monumento.

Depois da matriz segue-se a *egreja da casa da misericordia*. Não achámos noticia do anno da sua fundação. Mas é de crer que, lembrando-se el-rei D. Manuel de edificar n'esta villa a sua bella egreja matriz, não se esquecessem os que n'essa epocha a habitavam de receber em seu seio, pelo menos como tributo de reconhecimento, essa instituição caridosa e eminentemente philosophica e civilisadora, creação e objecto dos maiores desvelos da rainha D. Leonor, viuva del-rei D. João II e irmã del-rei D. Manuel. O hospital da misericordia está bem organisado. É administrado com muito zelo, e todo o serviço é excellente.

Com algumas ermidas, que não sobresaem por bellezas de architectura nem por memorias historicas, completa-se o quadro dos edificios religiosos da Gollegã. Quanto aos civis, nenhum conta que seja digno de menção especial; todavia, a casa da camara e cadeia são bons edificios.

As praças e ruas são todas irregulares, segundo o uso observado em todas as nossas terras antigas. Porém tem muitas casas boas, e algumas de nobre prospecto. A melhor pertence á familia Relvas de Campos.

Possue a Gollegã um club recreativo e uma excellente philarmonica de curiosos. Ao presente não tem theatro, mas teve-o, e n'elle deram muitas récitas uma sociedade particular, e tambem companhias de actores ambulantes.

O cemiterio publico está bem construido e conservado com muito aceio. Ha n'elle alguns mausoléos de cantaria lavrada com perfeição.

Faz-se n'esta villa uma das feiras mais importantes do reino. Começa no dia de S. Martinho, 11 de novembro, e dura tres dias como feira franca. É muito concorrida de generos, e ainda mais de gados. Quanto ao cavallar e muar é a primeira feira do reino, não só pelo avultado numero d'estes animaes que alli concorrem, mas tambem pelos excellentes typos das raças nacionaes que entre elles figuram, criados no proprio concelho da Gollegã. Acode a esta feira grande multidão de gente de toda a provincia da Estremadura, do Alemtejo e Beira Baixa, e até de Hespanha. No primeiro domingo de cada mez tem esta villa um bom mercado, abundante de generos e gados.

É farta esta terra de todas as vitualhas mais necessarias á vida, e tambem de muitas para regalo. Não lhe faltam frutas, nem hortaliças, nem caça, no tempo proprio. O Tejo, que lhe inunda e fertilisa os campos, fornece-a de varias especies de peixes de agua doce. Da Nazareth recebe de vez em quando pescado do alto mar.

É soffrivelmente abastecida de aguas, porém, posto que não sejam más, é certo que não primam pela excellencia da sua qualidade, como acontece, em geral, ás povoações edificadas no meio de extensas planicies. Por estas mesmas razões, e porque o Tejo nas suas grandes cheias chega a cercar a villa, pondo-a incommunicavel, a não ser por meio de barcos, não desfructa a salubridade de ares das terras situadas em logar mais elevado. As sezões incommodam bastante os habitantes, sobre tudo os dos arrabaldes.

Além das pequenas industrias manufactoras, não ha na villa nem nas suas cercanias fabrica alguma. O ramo principal da sua industria é o agricola, e n'este talvez nenhuma terra do nosso paiz lhe leve a palma, quer na grandeza do seu desenvolvimento, quer na pratica dos modernos processos e no emprego dos mais recentes instrumentos. Os dilatadissimos campos, perfeitamente planos, que se estendem desde a casaria da villa até á margem direita do Tejo, constituem, pela feracidade do solo, boa cultura e aproveitamento de terrenos, um dos mais importantes e ricos districtos agricolas do reino. Os principaes generos da sua producção consistem em cereaes, especialmente trigo, legumes, azeite e vinho. Ha alli magnificos prados para pastagens, onde se cria muito gado, sobre tudo cavallar, esmerando-se os lavradores no apuramento das raças, e no tratamento e ensino dos potros.

Nos campos da Gollegã já trabalha ha tempos, com bom resultado e honra da terra, a charrua movida por vapor. Foi o sr. Antonio Vaz Monteiro, abastado lavrador d'aquella localidade, quem introduziu alli tão notavel melhoramento.

Não ha nos arrabaldes da villa monumento, curiosidade ou logar que seja digno de mencionar-se. O extincto *convento de Santo Onofre*, que foi da ordem de S. Francisco, da provincia de Portugal, e que se acha a pouco mais de 1 kilometro da villa, é um edificio pequeno e de mesquinha architectura. Posto que a chronica dos franciscanos nada diga a respeito da sua fundação, sabe-se, todavia, que foi edificado no anno de 1519, e que pertenceu primitivamente aos frades claustraes. Era habitado apenas por dez ou doze religiosos.

O concelho da Gollegã não conta mais de 25 kilometros quadrados. Mas para que se faça idéa da sua riqueza, bastará dizer que no anno de 1866 pagou 21:471$805 réis de contribuição predial, industrial, pessoal e de registo, e decima de juros. Além d'isto, tambem dão a medida da sua opulencia varias quintas que possue, as quaes se contam entre as maiores e mais ricas propriedades de todo o reino. Uma é denominada *quinta da Cardiga*. Era dos freires da or-

dem de Christo, do convento de Thomar, e está contigua ao Tejo. Volvendo para a corôa pela extincção das ordens religiosas, em 1834, foi comprada ao estado pelo negociante da praça de Lisboa Domingos José de Almeida Lima, já fallecido, pae da sr.ª viscondessa do Paço do Lumiar. O preço da arrematação foi, se a memoria nos não falha, duzentos contos. O novo proprietario, e depois d'elle seu filho, augmentaram consideravelmente esta magnifica propriedade, onde se executam as boas praticas e modernos processos da agricultura.

A outra quinta, chamada do *Paul*, pertencia até ha pouco á casa de Niza, que a trazia arrendada pela renda, que nos ultimos annos variára, de vinte e seis a vinte e dois contos de réis annualmente. Foi vendida no anno passado pelo sr. marquez de Niza ao sr. José Maria Eugenio de Almeida por quantia superior a quatrocentos contos de réis.

Aos modernos fastos da Gollegã, que se resumem nas glorias do trabalho e nos progressos da civilisação, está associado o nome de um cidadão, a quem esta villa deve importantes serviços. José Farinha Relvas de Campos, abastado lavrador, nascido em 1791 e fallecido em 27 de fevereiro de 1865, era tão probo e intelligente, quanto activo e emprehendedor. Vindo fixar a sua residencia na Gollegã, ahi fundou importantes estabelecimentos agricolas e uma bella casa de habitação. N'esta achavam franca e excellente hospedagem todas as pessoas notaveis que transitavam por aquella estrada, e teve a honra de receber e hospedar por varias vezes a familia real. N'aquelles introduziu e fez uso, com manifesto proveito publico, de muitos processos e instrumentos agricolas com que a sciencia tem aperfeiçoado e desenvolvido modernamente a agricultura.

A sua iniciativa e ao seu zelo deve a Gollegã muitos e importantes melhoramentos, uns promovidos por elle como simples particular, outros a que deu impulso como presidente da camara, cargo que exerceu quasi constantemente, e como procurador á junta geral do districto, para que foi eleito seis ou sete vezes. Além d'estas provas de consideração e estima publica, tambem obteve os suffragios espontaneos dos seus concidadãos para seu representante no parlamento. Elegeram-n'o deputado ás côrtes no anno de 1842, cujo mandato não acceitou. A mesma abnegação e modestia o levaram tambem a recusar varios titulos de nobreza com que a munificencia régia por diversas vezes pretendeu galardoal-o.

As duas gravuras a pag. 137 e 161 são cópias fieis de duas excellentes photographias, tiradas e offerecidas á empreza d'este jornal pelo distincto curioso de photographia, o sr. Carlos Farinha Relvas de Campos, filho do antecedente. A vista da villa mostra no primeiro plano parte dos jardins da casa do sr. Relvas, nos quaes avulta um pequeno mas gracioso edificio, que é uma galeria photographica. O monumento que se ergue no adro da egreja matriz, e que se vê representado na gravura que adorna este numero, é o antigo cruzeiro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A VISÃO DO TENENTE

(Vid. pag. 146)

III

A CAMPANHA DE 1809

As campanhas de Bonaparte possuem uma particularidade notavel que lhes dá o incrivel poder de fascinação que exercem no espirito de quem lê as paginas brilhantes da grande epopéa do nosso seculo. Essa particularidade não é a do arrojo; tambem Cesar o teve, tambem Condé, tambem Alexandre: não é a da rapidez dos movimentos; já Frederico a possuira: não é a da madura concepção das manobras; tinha para isso um perfeito modelo em Turenne: mas é a de uma combinação de todas as qualidades, que transforma a guerra n'uma sciencia exacta, o aventurar dos lances n'um calculo infallivel, o resultado de uma campanha na solução prevista de uma equação mathematicamente desenvolvida. O campo estrategico transforma-se debaixo dos pés de Bonaparte n'um taboleiro de xadrez; as divisões movem-se como as differentes peças, o exercito inimigo occupa fatalmente as posições que o seu adversario lhe indica; Napoleão dirige-lhe as manobras como um bom jogador mostra de antemão ao parceiro as casas onde ha de por força collocar os peões e os cavallos. O grande general francez ganha uma victoria como quem dá um «xeque mate», com uma infallibilidade que aterra e que deslumbra.

Ha de chegar um momento em que lhe hão de falhar todas as combinações, mas não será nem porque a fortuna lhe vire as costas, nem porque o seu genio desfalleça, mas porque a sua immensa ambição sublevou contra si todas as forças da natureza, todas as leis providenciaes, porque as peças do jogo se lhe desconjunctam nas mãos, não sendo já simples divisões, nem mesmo simples corpos de exercito, mas turbas innumeras de soldados de todos os paizes, de recrutas e de veteranos, de crianças e de homens feitos, ou porque esse campo estrategico, de que era d'antes tão senhor, se transforma para elle n'um volcão sempre aberto, ou porque as necessidades fataes da sua politica desvairada o forçam a lançar mão de manobras desesperadas, recursos de jogador perdido, em que elle mesmo deixa de ter confiança.

Mas a campanha de 1809 ainda é uma d'aquellas em que o seu genio estrategico se desenvolve com uma perfeita limpidez; e nunca mesmo se tornou mais evidente a superioridade de Napoleão, porque o seu adversario não era para desdenhar, rebellava-se com todas as suas forças contra esse despotismo (permittam-me o termo) do jogador eminente, e via-se, comtudo, obrigado a seguir a linha implacavel em que Bonaparte o fazia permanecer.

Muito tempo se demorára a Austria a declarar a guerra, esforçando-se por illudir Napoleão, e approximando sorrateiramente as suas tropas da fronteira bavara, a fim de surprehender os francezes, dispersos nos acantonamentos da Allemanha, quando fossem para operar o seu movimento de concentração. Conseguira-o em parte. Berthier, commandante interino do exercito francez, não manobrou com a ligeireza conveniente, e o archiduque Carlos, á testa da força principal do exercito austriaco, marchando pela margem direita do Danubio, pôde collocar-se entre as duas massas principaes do inimigo, a de Davoust á direita, em Ratisbonna, e a de Massena á esquerda, em Augsburgo. O seu plano era operar um rapido movimento de conversão sobre a direita, dar a mão ao general Bellegarde, que descia da Bohemia com cincoenta mil homens pela margem esquerda do Danubio, envolver assim completamente o marechal Davoust, e infligir-lhe uma derrota memoravel, se não conseguisse fazel-o prisioneiro com o seu corpo de exercito. O plano era bem concebido e digno dos talentos militares do archiduque.

Mas n'esse momento entrava Napoleão em scena.

Para se comprehenderem bem as manobras immortaes d'esta primeira campanha parcial de cinco dias, campanha maravilhosa, que não tem egual na historia militar, é necessario que dêmos uma rapida idéa do theatro da guerra e das disposições dos dois exercitos.

Imaginem um trapesio, cujos quatro lados são cons-

tituidos da seguinte maneira: o do norte é formado em parte pelo Danubio, desde o seu confluente com o Isar até Ratisbonna, e d'ahi em diante pela estrada de Nuremberg; o lado occidental forma-o a estrada de Nuremberg a Augsburgo; o do sul é a estrada de Augsburgo a Munich; o de léste é o Isar de Munich até ao seu confluente. A superficie d'este trapesio é cortada por innumeros rios, lagôas e collinas. O Danubio, deixando em Ratisbonna de fazer parte do perimetro da figura, sulca em torcicollos a superficie, e vem em Donauwerth marcar o ponto médio do lado occidental.

O archiduque Carlos, á frente de cento e cincoenta mil homens, atravessa o Isar e colloca-se no centro do trapesio, prompto a convergir para envolver Davoust em Ratisbonna. Massena continúa a estar em Augsburgo, Napoleão chega a Donauwerth apenas com algumas tropas bavaras. No meio d'aquelle labyrintho topographico os dois exercitos mal sabem um do outro, mas Napoleão adivinha e o principe Carlos hesita. O imperador, com a rapidez caracteristica das suas concepções, ordena um movimento de concentração. Davoust deve marchar ao longo do Danubio, Massena deve, partindo de Augsburgo, internar-se tambem na superficie do trapesio. Entretanto o principe Carlos continúa imperturbavelmente o seu movimento de conversão. A esquerda da sua vanguarda marchando sobre o Danubio, a esquerda de Davoust esquivando-se ao longo do rio, hão de forçosamente encontrar-se. D'ahi resulta um choque. É o combate de Tengen, no dia 19. As tropas de Davoust combatem com vigor, sustentam-se no campo de batalha, e desfilam tranquillamente diante do principe, que não percebe esta apparição de tropas n'um sitio onde as não espera.

Incerto, hesitante, suppõe que Napoleão veiu em pessoa reforçar Davoust, e que tem o exercito francez na sua direita. Faz, por conseguinte, parar o movimento de conversão e chama a sua ala esquerda a si. Mas Napoleão não o deixa respirar. Com os bavaros e wurtemberguezes que tem comsigo, com os cincoenta mil homens que Davoust lhe traz, julga-se forte bastante, e no dia 20 investe essa esquerda austriaca que vae para reforçar o general em chefe. Vendo apparecerem de subito á esquerda os francezes que julgavam na direita, o principe Luiz e o general Hiller perturbam-se, pelejam como podem, mas são completamente batidos, e, cortados do exercito, retiram em desordem sobre o Isar. É a batalha de Abensberg.

Entretanto o archiduque Carlos espera debalde os reforços da sua esquerda. Napoleão, que tambem não tinha, como elle, noticias da posição do inimigo, porque o terreno accidentadissimo tornava impossiveis os meios habituaes de informação de que se usa na guerra, julgava ter repellido o principe Carlos em pessoa. Para operar esse movimento, que fôra uma roda, servira-se do marechal Davoust como peão. Mas, vendo os austriacos batidos, dispõe-se a aproveitar completamente as suas vantagens: ordena a Massena á direita que mude a sua ordem de marcha e que se dirija sobre o Isar para envolver o inimigo; a Davoust á esquerda que avance, porque não suppõe que tenha inimigos na frente. Mas como não possue d'isso uma certeza absoluta, reforça-o consideravelmente, em quanto elle com o resto das tropas persegue no dia 21 os austriacos sobre o Isar, onde se junta a Massena. Completamente envolvidas, as tropas do principe Luiz e do general Hiller são destroçadas, e passam ó Isar desmoralisadas e dispersas. É a batalha de Landshut.

Por outro lado Davoust, marchando com precaução, encontra o principe Carlos, que não sabe já o que ha de pensar d'este turbilhão que o envolve. Pelejam e sustentam-se ambos nas suas posições. Este combate indeciso é o combate de Leuchlin.

Mas Napoleão, que avançára temendo sempre que lhe tivesse ficado á retaguarda algum corpo austriaco, apenas lhe chegam aos ouvidos os primeiros vagos rumores do combate, abandona a perseguição do principe Luiz e de Hiller ao marechal Bessières, que os segue com umas poucas de divisões, e volta com Massena á retaguarda. Era no dia 22; o principe Carlos, muito superior em forças ao marechal Davoust, preparava-se para o envolver completamente, quando se vê cortado por tropas francezas que parecem vir da fronteira austriaca. Perde a cabeça com esta multiplicidade de movimentos, bate-se com desespero, mas soffre uma derrota monumental. É a batalha de Eckmühl.

Fugindo na direcção de Ratisbonna, e dando de um lado a mão ao general Bellegarde, do outro á sua ala esquerda, cujo destino desastroso não conhece ainda completamente, póde talvez sustentar-se. Mas os francezes perseguem-n'o, e logo no dia 23 assaltam a cidade, e obrigam-n'o a passar o rio e a lançar-se nos braços de Bellegarde. É o combate de Ratisbonna.

Assim em cinco dias obtinha-se logo um successo inaudito. Fazia-se perder a linha estrategica ao inimigo, dispersava-se completamente para todos os lados o exercito principal, matava-se-lhe, feria-se-lhe e aprisionava-se-lhe perto de sessenta mil homens, tomava-se uma energica offensiva que punha os francezes na estrada de Vienna, depois de se ter demolido o exercito que devia ser o muro de bronze onde se quebrassem os seus impetos, e desmoralisava-se o general adverso por este turbilhão de manobras rapidas e perfeitas. O principe Carlos assimilhou-se durante esses cinco dias a um jogador de florete que, deslumbrado pelos relampagos do ferro do adversario, que, para assim dizer, o cingem n'um circulo de fogo, e tentando debalde acudir á parada, se vê completamente paralysado e quasi que nem procura defender-se.

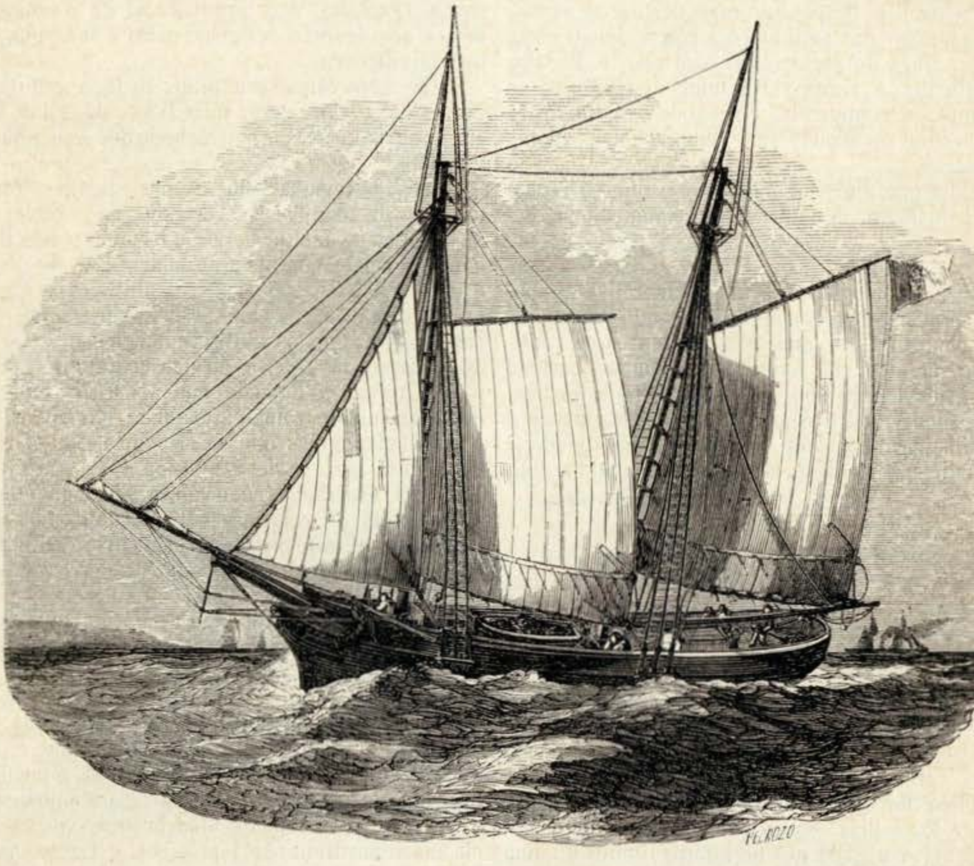
Póde-se attribuir isto á superioridade numerica das tropas? Não; o archiduque Carlos estava á testa de cento e cincoenta mil homens, e Bellegarde conduzia-lhe pela esquerda do Danubio cincoenta mil. O exercito de Napoleão constava dos cincoenta mil homens de Davoust, de trinta mil bavaros e wurtemberguezes, e de sessenta mil homens debaixo das ordens de Massena, que só entraram em linha no terceiro d'estes cinco dias de combate. Mas uma das grandes qualidades de Napoleão foi sempre a de saber multiplicar as suas forças em presença do inimigo.

Vêem agora bem os leitores qual é a posição do exercito austriaco; o archiduque Luiz e o general Hiller, separados do principe Carlos, seguem na retirada pela margem direita do Danubio a linha que haviam seguido na offensiva, e o general em chefe, tendo sido obrigado a atravessar o rio, caminha pela margem esquerda, unido com o general Bellegarde. Mas o caminho da margem direita cobre Vienna, e todo o desejo do principe Carlos é, como se imagina, tornar a passar o rio para se unir aos generaes seus subalternos. Napoleão, pelo contrario, quer por força conserval-os desunidos. Para isso toma admiraveis disposições. Davoust passa á margem esquerda e persegue o principe Carlos. Este, que não deseja acceitar nova batalha junto do rio, lança-se nas montanhas da Bohemia, onde facilmente destruirá o imprudente que o seguir, e d'onde espera descer n'uma rapida marcha a tempo de cobrir Vienna. Mas Napoleão conseguiu o seu fim; afastou-o do Danubio. Davoust torna a atravessar o rio e segue Massena, que marcha ao longo da margem direita, em quanto Bessières, seguido e sustentado por Napoleão em pessoa, continúa a perseguir a antiga ala esquerda do principe Carlos, reforçada de quando em quando pelas reservas e guarnições que encontra no caminho. Debalde, comtudo, ella tenta demorar a perseguição; os francezes não lhe deixam tomar o folego um instante; o combate de Ebersberg, combate espantosamente sanguinolento,

mostra qual é o desespero dos austriacos, mas tambem qual a impotencia dos seus esforços. Pela segunda vez Napoleão entra em Vienna triumphante.

Não adormece sobre os seus loiros, e Vienna não é para este invencivel Annibal tão perigosa como Capua. O exercito do archiduque Carlos, tendo conseguido a final a sua juncção, conserva-se na margem esquerda do Danubio, para onde passaram Hiller e o archiduque Luiz. Napoleão quer tomar a offensiva. Em frente do inimigo fazem-se gigantes preparativos de passagem. Empregam-se longos dias n'esses preparativos, em presença de Vienna estupefacta com essa tranquillidade. A 20 de maio a passagem opera-se, e dá em resultado a sanguinolenta batalha de Essling. Algumas pontes que se romperam, e mais que tudo as munições de guerra que faltaram depois de trinta horas de lucta obstinada, pozeram termo ao combate. Os francezes voltam tranquillamente á margem direita e ás ilhas do Danubio que lhe tinham servido de ponto de partida; o archiduque Carlos conserva-se nos seus entrincheiramentos. Mas este meio desastre não altera a serenidade olympica de Napoleão. Repara attentamente nos defeitos dos meios de passagem, combina, rectifica, emprega mez e meio em se preparar para um combate decisivo. Do seu lado, o principe Carlos cobre-se de novas e multiplicadas fortificações. A Europa espera silenciosa e attenta.

No dia 4 de julho estava tudo preparado. Em quanto



Hiate

o principe Carlos se obstinava em se conservar nos entrincheiramentos de Aspern e de Essling, e era conservado n'esse engano pelos preparativos de Napoleão, o exercito francez, protegido pelas sombras da noite, passava em massa á sua esquerda, e quando alvoreceu o dia 5 o archiduque viu com espanto scintillarem sobre o flanco do seu exercito os milhares de bayonetas das tropas inimigas. Ao mesmo tempo principiava-se a executar o movimento admiravel calculado pelo imperador; fazendo da esquerda peão, os francezes executavam uma roda immensa, e, protegidos pelo fogo da artilheria da outra margem, levando adiante de si todos os postos avançados, iam-se desenvolver nas planicies de Wagram, onde Napoleão, mez e meio antes, prophetisára que havia de travar batalha. As fortificações de Essling tornavam-se completamente inuteis, e era no terreno escolhido por Bonaparte que o principe Carlos tinha de acceitar a lucta.

A batalha séria devia ser no dia seguinte; o general austriaco dera ordem a todas as suas guardas avançadas que não fizessem senão uma frouxa resistencia. Exaltados pelo orgulho do successo, os francezes julgaram poder n'essa mesma tarde terminar a contenda, e arrojaram-se temerariamente para levarem de assalto o monticulo de Wagram. Mas a resistencia dos austriacos foi intrepida e desesperada; os francezes, repellidos depois de inuteis prodigios de valor, retiraram para as suas posições, e os vapores da tarde expirante fluctuaram como um véo de gaze sobre o rio vasto e limpido, e sobre os dois exercitos que no dia seguinte se haviam de despedaçar n'uma d'essas luctas de feras que se chamam batalhas.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

HIATE

Fallámos, no volume anterior [1], de dois barcos que, não pertencendo ao que com propriedade chamâmos marinha do Tejo, podem, comtudo, entrar em o numero dos baixeis que mais frequentemente e mais demoradamente povoam o nosso formoso rio, que lhe dão alegria, variedade e belleza, e nos recordam, as-

[1] Vid. pag. 309 e 333 do vol. IX.

sim pela fórma como pelo arrojo dos tripulantes, as singulares marinhas dos primitivos navegadores; e já hoje temos de apresentar a gravura de outro d'esses barcos, que são aqui muito conhecidos, e tambem fazem, como aquelles a que acima nos referimos, limitadas viagens barra em fóra. É o hiate.

Constroe-se este barco, geralmente, nos estaleiros de Espozende, Figueira, Porto e Aveiro; mas o maior numero dos hiates que sulcam as aguas do Oceano sae de Espozende, linda villa que está situada na foz do Cávado e pertence á comarca de Barcellos.

A lotação dos hiates regula, termo médio, por cento e vinte toneladas metricas; e a tripulação, sendo vulgar de seis pessoas, rarissimas vezes excede o numero de oito. A armação é com velas latinas.

A navegação d'estes barcos não se limita só ás costas de Portugal e Hespanha, mas destina-se egualmente ao serviço das permutações commerciaes entre as diversas ilhas do archipelago açoriano, a Madeira e o continente. A carga varia tambem conforme as necessidades do commercio, e segundo os portos para onde se destina ou d'onde sae, sempre em harmonia com a lotação.

A estampa que apresentâmos n'este numero é uma boa cópia do hiate, desenhada e gravada pelo sr. Pedroso.

Brito Aranha.

Quizera que como base de toda a moral se estabelecesse e firmasse no coração do educando uma unica virtude primordial em que todas as outras se contivessem, e da qual elle formasse uma noção perfeita e clara. Esta virtude não póde ser senão a justiça. Justiça é tudo, justiça é as virtudes todas, justiça é religião, justiça é caridade, justiça é sociabilidade, é respeito ás leis, é lealdade, é honra, — é tudo em fim.

Almeida Garrett.

O CANTO DA LAMIA

(Conclusão. Vid. pag. 159)

V

A planicie que hoje conhecemos sob o nome de praia de Lamiaco, em principios do seculo XVII conhecia-se pelo nome de Junqueiras de Dóndiz.

Chama-se Dóndiz a alegre e pequena aldeia que assenta nas verdes collinas que dominam Lamiaco, e n'essa aldeia foi onde um ancião me contou a triste historia de Prudencia, em quanto, de cigarro na boca, apascentava o gado nos herbiferos limites de uma herdade.

Assim na lingua vasconça como na castelhana tem o nome de Lamia uma das phantasticas creações do vulgo. Lamia é uma especie de fada aquatica que se differença da sereia em que esta só vive nos mares e o seu canto attrahe os homens para os perder, e aquella vive nos mares e nos rios, e o seu canto attrahe os homens para os tornar felizes.

Aos juncaes ou praias de Dóndiz deu se o nome vasconço de «Lamiaco-praia», que litteralmente traduzido equivale á praia de Lamia. Quando o vulgo traduziu este nome para o castelhano, incorreu em um barbarismo conservando a posposição *co*, que corresponde á preposição *de*.

Mas por que se chamou á praia de Dóndiz «Lamiaco-praia»? Mais adiante o saberemos. Agora só devo accrescentar que no seculo XVII aquellas planicies, já hoje convertidas em fructiferas veigas, que dentro de alguns annos, graças ao genio industrial e ao patriotismo de seus actuaes proprietarios, competirão com as melhores de Biscaya; aquellas planicies, repito, eram espessissimos e lobregos juncaes que a phantastica imaginação popular povoava de monstros marinhos e espiritos errantes.

Quando o celebre, e tambem poderia dizer-se glorioso consulado de Bilbáo, cuja jurisdicção se estendia de *Bayona a Bayona*, construiu os grandiosos caes de duas legoas, que hoje o governo deixa desmoronar, embora os navios e mercadorias, cuja entrada facilitam, lhe produzam cada anno cêrca de trinta milhões de reales; quando o consulado construiu os grandiosos caes, deixaram de penetrar as marés n'aquellas planicies, e o pavoroso mysterio dos juncaes foi desapparecendo.

Mas não esqueçamos Prudencia. Havia proximo de seis mezes que se partíra Ignacio, e a pobre mãe não tivera noticia alguma d'elle. Em vão descia todos os dias a Olaveaga e Zorroz-aurre a fim de perguntar por seu filho aos maritimos que voltavam da America. Nenhum dava noticia de Ignacio nem da sua embarcação. Comtudo, não terminára ainda o praso de seis mezes que Ignacio designára para a sua volta, e Prudencia *esperava*.

— Se não voltar seu filho, dizia a ermitã de S. Bartholomeu, que será, meu Deus, da pobre Prudencia, que só vive porque espera que seu filho ha de voltar?

Prudencia tomava todos os dias aquella estrada que, partindo da planicie de Aurrecoechea, costeia a falda meridional do monte Berriz e termina n'aquelle cume que já é celebre na historia moderna da Hespanha sob o nome de Bandeiras. Passava alli horas e horas com os olhos fitos no Oceano, esperando sempre que apparecesse n'aquellas moveis planicies o navio de seu filho, que estava certa de não confundir com outro; mas o navio de Ignacio não apparecia entre tantos que diariamente rompiam aquelle terrivel cordão de encapelladas ondas que se estende desde os rochedos de Algorta até aos de Santurce.

A sua esperança começou a declinar quando se completaram os seis mezes depois da partida de Ignacio, sem que este voltasse. Prudencia continuava todos os dias a subir o pinaculo de Berriz, e a descer cada vez mais desconsolada.

Na mesma proporção que a pobre mãe ia perdendo a esperança, ia perdendo a vida, porque para ella a esperança e a vida eram a mesma coisa.

Uma tarde achava-se no pinaculo de Berriz, com a vista fita, como sempre, no mar longinquo. O sol, declinando, inundava de luz o golpho que se estende entre os cabos Lucero e Villano, exactamente como quando o baixel de Ignacio atravessára aquelle golpho!

Appareceu de repente uma branca vela na superficie maritima illuminada pelo sol, e Prudencia, exhalando um grito de alegria, desceu pelo declive occidental de Berriz ao monte do Sepulchro; vadeou o Azua por uma alta e estreita ponte de madeira, construida a tiro de arcabuz da sombria torre de Luchana, atravessou a planicie e as penhas de Aspé, e entrou nos juncaes de Dóndiz no momento em que o baixel, a cujo encontro corria, salvava a barra de Santurce.

Prudencia perdeu de vista a embarcação por effeito das ondulações do terreno por onde a pobre mãe caminhava; mas continuou andando, andando pela praia, n'aquelle momento enxuta, porque havia baixa-mar. O seu coração batia com violencia, a sua respiração era agitada e penosa, e apoderava-se da sua alma uma anciedade similhante á que, ao abrir-se a porta do calaboiço, sente o infeliz preso a quem disseram que a primeira pessoa que entre por ella ha de annunciar-lhe a liberdade ou a morte.

Saíndo de uma cavidade, achou-se de repente junto da anciada embarcação, e, dando um grito de immensa dor, caíu no solo sem conhecimento, como ferida por um raio. O seu coração e os seus olhos tinham-n'a enganado, porque aquelle navio não era o de Ignacio!

Passados alguns instantes recobrou o conhecimento, e, fazendo um esforço supremo, tomou Ibaizabal acima lenta e tristemente, como se perdêra já a ultima esperança que lhe ficava na terra.

Quando chegou a Aurrecoechea era já mui entrada a noite, e quando o relogio dos frades de Burceuha dava as doze horas, a alma de Prudencia subia ao ceo!

VI

Mais acima de Aurrecoechea, quasi no alto do monte, existia uma bella ermida consagrada ao apostolo S. Bartholomeu, e pelos annos 1379 constituiram-se alli em vida monastica alguns piedosos anciãos que desejavam dedicar-se á oração e defensa dos viajantes que atravessavam aquellas planicies, então despovoadas e cobertas de espessos bosques onde abundavam as feras.

Em 1429 o eremiterio de Berriz erigiu-se em convento de religiosos agostinhos, e em 1515 a sua communidade trasladou-se para as circunvisinhanças de Bilbáo, onde o piedoso cavalleiro Tristão de Leguizamon lhe proporcionou terreno para fundar a sua nova casa e o seu novo templo.

Um seculo depois, isto é, na primeira metade do seculo XVII, cuidava da ermida de S. Bartholomeu de Berriz, que subsistiu quasi até aos nossos tempos, uma santa mulher que mais de uma vez participára das dores de Prudencia e auxiliára esta com os seus conselhos. A ermitã de Berriz, sob cujo nome se conhecia aquella serva de Deus, tinha grande fama de santidade por sua devoção, e porque se acreditava que o seu esclarecido espirito adivinhava o futuro.

No momento em que Prudencia soltára o derradeiro alento, a ermitã de Berriz, que orava ante o altar do santo apostolo, pareceu-lhe que tivera uma singular visão. O humilde templo de S. Bartholomeu desapparecêra-lhe da vista, ante a qual se figurava estarem-lhe patentes as portas do ceo. Prudencia, circundada de luz e acompanhada de uma legião de bemaventuradas mães, para as quaes o amor e os sacrificios maternaes tinham valido a aureola dos santos, chegava ao throno de Deus, que fallou assim á nova escolhida:

— Foste santa como filha, e como esposa e mãe, e porque muito amaste e padeceste na terra, muita e perduravel gloria terás no ceo.

— Obrigado, meu Deus! exclamou Prudencia sorrindo-se de ineffavel gozo, ao mesmo tempo que nos seus olhos assomava uma lagrima.

— Não consideras, porventura, bastante recompensadas as tuas dores?

— Sim, meu Deus!

— Por que brilha, pois, uma lagrima em teus olhos?

— Porque ainda resta em mim um atomo da fragilidade humana, e estou pensando que se meu filho voltar ás praias nativas já ninguem o esperará n'ellas!

— Eu, que tudo posso, completarei a tua gloria dissipando-te a ultima dor. Solte-se, portanto, esse ultimo atomo humano da tua natureza celeste, e animado pelo santo amor de mãe volte ás praias de Dóndiz.

Concluindo assim este brevissimo dialogo, os olhos de Prudencia, livres já da derradeira lagrima, brilharam de celeste alegria, porque Prudencia era já a bemaventurada e não a mãe.

E n'aquelle instante a estranha visão occultou-se á vista da ermitã de S. Bartholomeu.

Pouco tempo depois começou a dar-se o nome de «Lamiaco-praia» aos juncaes de Dóndiz, em cuja espessura começára a ouvir-se o dulcissimo e singular canto da Lamia, que ainda se ouve e continuará a ouvir-se em quanto se forem afastando da patria filhos d'esta nobre terra.

Resôa o canto da Lamia sempre que sae das aguas do Ibaizabal, para sulcar as do Oceano, algum navio em que se afaste d'estas montanhas algum filho d'ellas. Todas as harmonias da patria, realçadas e aformoseadas pela garganta de um anjo, se resumem n'elle: a melodia do silvo e do tamboril que alegra os nossos valles; as canções com que as nossas mães e amas nos embalaram no berço; os *zenzuac*, os *ijuijac* e *ujuju*, com que os nossos montanhezes fazem correr de monte em monte e de valle em valle as suas «álertas», os seus reptos, as suas alegrias marciaes e as suas anciedades amorosas; o *canto* das estradas e o ruido dos valles, dos moinhos e dos martellos das ferrarias, que são o pregão da industria; o repique dos nossos sinos; os mil distinctos e alegres rumores que alvoroçam os campos onde se celebram as nossas romarias; o canto das aves e até o rumor da brisa que suspira nos ares, e o bramido das ondas que batem as nossas costas; todas as harmonias em fim, todos os cantos, todos os rumores, todos os murmurios que constituem o alento e a voz da vida vasconça.

E este canto é doce e seductor, que os ouvidos que o ouvem jámais o esquecem, e o coração que pulsou ao ouvil-o jámais deixa de bater pela patria onde anceiam perpetuamente voltar os que estão longe d'ella, porque jámais deixa de resoar no seu ouvido o canto da Lamia.

Com o correr do tempo, a casa em que Ignacio veiu ao mundo e onde fez derramar tantas lagrimas a sua desventurada mãe, converteu-se em um convento de capuchinhos trinitarios, cujas tristes ruinas vejo do quarto onde escrevo; e consta que o veneravel fr. Mathias de Marquina, primeiro superior d'aquella santa casa, costumava applicar o sacrificio da missa pela salvação do filho de Prudencia.

Em quanto ao filho de Prudencia, *não voltou nem voltará* ás praias nativas, porque Deus, cuja justiça tem premio para tudo o que é bom e castigo para tudo o que é mau, não dá ao monstro que desconhece o amor filial a felicidade mais doce da terra, que é voltar á patria depois de ter suspirado por ella no desterro.

DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1867

Realisou-se esta ceremonia com luzida pompa, e com todo o apparato da corte imperial da França, no dia 1.º de julho.

A nave central do palacio da exposição fôra transformada para esta solemnidade em um vasto amphitheatro, onde vinte mil pessoas acharam logares commodos para presenciarem esta esplendida funcção. O tecto da nave estava ornado com tropheos, representando os principaes productos de cada uma das dez classes ou grupos em que foram divididos os fructos do trabalho do homem, que figuram n'aquella exposição. As traves e os espaços intermedios achavam-se guarnecidos de armações de veludo carmesim com franjas de oiro, e de letreiros e tropheos de bandeiras, indicando os logares destinados para os membros das commissões estrangeiras.

O throno imperial, decorado de veludo carmesim com guarnição de oiro, elevava-se magestosamente sobre um largo estrado coberto de mui ricas alcatifas. O docel, de feitio singular e gracioso, ostentava as mesmas armações de veludo e oiro. Debaixo d'elle achavam-se o imperador Napoleão III, a imperatriz, sua esposa, o principe imperial e o sultão Abdul-Aziz.

Sobre o estrado, á direita e esquerda do throno, estavam as cadeiras para os principes e princezas convidados para assistirem a esta solemnidade.

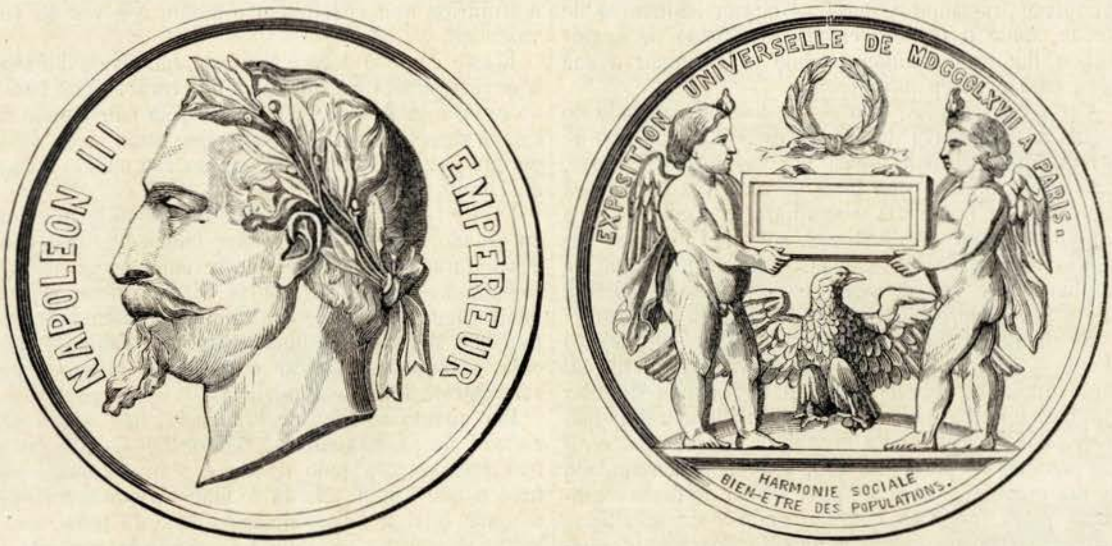
Na frente do estrado tinham logar os ministros de estado, os membros do conselho privado, o presidente do corpo legislativo, os marechaes e almirantes, o grão-chanceller da Legião de Honra; e logo adiante as esposas d'estes funccionarios e as viuvas dos marechaes e almirantes. Os primeiros degraus eram occupados pelos membros da commissão imperial.

Á direita e á esquerda do estrado do throno, mas fóra d'elle, viam-se os officiaes da casa imperial, os membros do senado, do corpo legislativo e do conselho de estado; as deputações dos diversos tribunaes de justiça, de fazenda e de commercio, do conselho imperial de instrucção publica, do instituto de França, do clero parisiense, do conselho central das egrejas reformadas, e do consistorio central israelita; o conselho da prefeitura do districto do Sena e o conselho municipal; as deputações do corpo academico, da guarda nacional, do exercito, etc., etc. Ao corpo diplomatico destinaram logar na parte do amphitheatro fronteira ao throno.

Na extremidade oriental do amphitheatro erguia-se o coreto, em que tocavam e cantavam mil duzentos e tantos musicos e coristas. Na extremidade occidental havia uma escada que conduzia do pavimento terreo para uma sala, onde se achavam reunidos os expositores a quem o jury conferíra os premios grandes e as medalhas de oiro.

Á hora e meia da tarde, todos os expositores propostos a premio, reunidos em grupos, segundo a classificação dos productos que exhibiram, levando na frente uma bandeira, passaram processionalmente para os logares correspondentes aos trophéos que symbolisavam as suas respectivas industrias. As pessoas que tinham obtido as recompensas da nova ordem collocaram-se defronte do throno.

Primeiramente foram chamados os expositores a



Medalha de oiro distribuida em Paris aos expositores no dia 1.º de julho

quem tinham sido conferidos os maiores premios. A estes seguiram-se, pela ordem dos grupos, os laureados com os graus superiores da Legião de Honra, e depois os que haviam de receber o habito de cavalleiro.

Os differentes grupos de expositores, levando á sua frente os presidentes e vice-presidentes do jury de cada grupo, iam successivamente, segundo a ordem do chamamento, collocar-se diante do throno. Os expositores a quem competiam os premios grandes, e aquelles que deviam ser condecorados com a commenda e insignia de official da Legião de Honra, subiam os degraus do throno, e recebiam das mãos do imperador as recompensas ou condecorações que lhes eram devidas, as quaes eram apresentadas ao soberano pelo marechal Vaillant, vice-presidente da commissão imperial. Os outros expositores premiados recebiam as medalhas ou diplomas da mão do presidente do seu respectivo grupo, ao qual o imperador os tinha entregado. Acabou a ceremonia pela distribuição das recompensas da nova ordem.

Á maneira que se concluia a distribuição dos premios a cada grupo de expositores, logo este, dando volta em torno da nave, ia occupar novamente o seu logar por baixo do trophéo que lhe dizia respeito.

Occorreu durante a celebração d'esta solemnidade um caso que commoveu a todos os circunstantes. Napoleão III tambem ambicionára as honras de expositor. Levado do seu pensamento constante de melhorar as condições de vida da classe operaria, inventou e expoz diversos modelos de habitações, em que essas classes podem encontrar por preços baixos, perfeitamente ao seu alcance, commodidades que só as classes mais abastadas costumam desfructar. O jury internacional conferiu premio ao augusto expositor. Porém, quando, no chamamento dos laureados, se pronunciou o nome de Napoleão III, houve uma pequena pausa, e esse acto ia ficar incompleto. Então o principe imperial, rogado, por uma feliz inspiração, recebeu e entregou a seu augusto pae o premio que lhe fôra conferido.

Acabada a distribuição, o imperador, a imperatriz e o sultão, acompanhados dos principes, foram passar em torno da nave, pela frente das secções de todos os paizes representados n'aquelle grande certamen do trabalho. Em cada uma das secções eram apresentados a suas magestades pelo ministro do reino os membros das commissões estrangeiras, que mr. Le Play, conselheiro de estado e commissario geral da exposição, ia designando.

Durante estas apresentações e a passagem do prestito imperial, na sua retirada do palacio, tocava a orchestra o hymno nacional, a cujos sons festivos se uniam os vivas enthusiasticos dos representantes da industria dos diversos paizes.

Concluiu-se esta ceremonia ás 3 horas e 40 minutos da tarde.

Damos em gravura o desenho do anverso e reverso da medalha de oiro distribuida aos expositores n'aquella solemnidade.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio